

Autismo em meninas: Invisibilidade e desafios no diagnóstico

Autism in girls: Invisibility and diagnostic challenges

Autismo en niñas: Invisibilidad y desafíos en el diagnóstico

Recebido: 11/11/2025 | Revisado: 18/11/2025 | Aceitado: 19/11/2025 | Publicado: 21/11/2025

Bianca Franquolino da Silva Albuquerque

ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-9239-6729>

Centro Universitário Adventista de São Paulo, Brasil

E-mail: bianca_franquinoa@outlook.com

Deborah Neves da Silva

ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-6744-9025>

Centro Universitário Adventista de São Paulo, Brasil

E-mail: deborahneves.profile@gmail.com

Ana Kelly Campos Maneta Ribeiro

ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-0232-6669>

Centro Universitário Adventista de São Paulo, Brasil

E-mail: anakelly.campos@gmail.com

Resumo

Introdução: O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um distúrbio do neurodesenvolvimento caracterizado por dificuldades na comunicação, interação social e comportamentos repetitivos. Sua prevalência é significativamente maior no sexo masculino, com diagnósticos ocorrendo de três a quatro vezes mais frequentemente do que no sexo feminino. O diagnóstico no sexo feminino frequentemente acontece tardiamente, muitas vezes na fase adulta, devido a características fenotípicas menos evidentes e estratégias compensatórias que mascaram os sintomas. Estudos mostram que mulheres com TEA enfrentam desafios sociais profundos e, antes do diagnóstico, frequentemente se sentem confusas e forçadas a se adaptar às expectativas sociais, o que pode levar a problemas adicionais. **Objetivo(s):** Analisar as disparidades apresentadas pela literatura científica contemporânea, sobre o diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista (TEA) em meninas devido a características fenotípicas menos evidentes e a recepção tardia do diagnóstico. **Método:** O presente artigo visa compreender os fenômenos citados anteriormente através de uma revisão da literatura dos últimos 5 anos sobre autismo e gênero utilizando bancos de dados eletrônicos. **Conclusão:** As manifestações dos sinais de TEA em meninas podem ser facilmente ignorados devido a critérios de avaliação padronizados para meninos. A camuflagem social adotada pelas meninas evidencia a necessidade de critérios diagnósticos sensíveis ao gênero, garantindo suporte adequado e reduzindo os impactos do diagnóstico tardio.

Palavras-chave: Transtorno do Espectro Autista; Mulheres; Disparidades em Saúde; Diagnóstico Tardio.

Abstract

Introduction: Autism Spectrum Disorder (ASD) is a neurodevelopmental condition characterized by difficulties in communication, social interaction, and repetitive behaviors. Its prevalence is significantly higher in males, with diagnoses occurring three to four times more frequently than in females. Diagnosis in females often occurs late, frequently in adulthood, due to less evident phenotypic characteristics and compensatory strategies that mask symptoms. Studies show that women with ASD face profound social challenges and, prior to diagnosis, often feel confused and pressured to adapt to social expectations, which may lead to additional difficulties. **Objective(s):** To analyze the disparities presented in contemporary scientific literature regarding the diagnosis of Autism Spectrum Disorder (ASD) in girls, considering less evident about phenotypic traits and the frequency of delayed diagnosis. **Method:** This article aims to understand the aforementioned phenomena through a literature review of the last five years on autism and gender, using electronic databases. **Conclusion:** The manifestations of ASD signs in girls can be easily overlooked due to evaluation criteria standardized for boys. The social camouflaging adopted by girls highlights the need for gender-sensitive diagnostic criteria, ensuring adequate support and reducing the consequences of late diagnosis.

Keywords: Autism Spectrum Disorder; Women; Health Disparities; Late Diagnosis.

Resumen

Introducción: El Trastorno del Espectro Autista (TEA) es una condición del neurodesarrollo caracterizada por dificultades en la comunicación, la interacción social y la presencia de comportamientos repetitivos. Su prevalencia es significativamente mayor en el sexo masculino, con diagnósticos que ocurren de tres a cuatro veces con más frecuencia que en el sexo femenino. El diagnóstico en mujeres suele producirse de manera tardía, frecuentemente en la adultez,

devido a características fenotípicas menos evidentes y a estrategias compensatorias que enmascaran los síntomas. Estudios señalan que las mujeres con TEA enfrentan profundos desafíos sociales y, antes del diagnóstico, suelen sentirse confundidas y presionadas a adaptarse a las expectativas sociales, lo que puede generar dificultades adicionales. Objetivo(s): Analizar las disparidades presentadas en la literatura científica contemporánea sobre el diagnóstico del Trastorno del Espectro Autista (TEA) en niñas, considerando las características fenotípicas menos evidentes y la frecuente recepción tardía del diagnóstico. Método: El presente artículo busca comprender los fenómenos mencionados mediante una revisión de la literatura de los últimos cinco años sobre autismo y género, utilizando bases de datos electrónicas. Conclusión: Las manifestaciones de los signos de TEA en niñas pueden pasar desapercibidas debido a criterios de evaluación estandarizados para niños. El camuflaje social adoptado por las niñas evidencia la necesidad de criterios diagnósticos sensibles al género, que garanticen un apoyo adecuado y reduzcan los impactos del diagnóstico tardío.

Palabras clave: Trastorno del Espectro Autista; Mujeres; Disparidades en Salud; Diagnóstico Tardío.

1. Introdução

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é definido, conforme o DSM-5 (American Psychiatric Association, 2014), como uma condição do neurodesenvolvimento que se manifesta precocemente e é definido por dificuldades contínuas na comunicação e na interação social, associadas à presença de comportamentos, interesses ou atividades que tendem a ser restritos e repetitivos. O termo “espectro” reflete a ampla heterogeneidade de suas manifestações, que variam em intensidade e forma, abrangendo desde dificuldades sutis de reciprocidade social e uso da linguagem não verbal até comportamentos ritualizados e fixações específicas. Tais manifestações devem se manifestar desde os primeiros estágios do desenvolvimento e gerar prejuízos clinicamente significativos em diferentes contextos da vida cotidiana.

A etiologia do TEA é reconhecida como multifatorial e complexa, resultante da interação entre fatores genéticos, epigenéticos e ambientais que afetam o neurodesenvolvimento. Alterações neurológicas relacionadas à herança genética e à regulação de genes envolvidos na formação e funcionamento cerebral têm papel central nesse processo (Freire e Cardoso, 2022).

Mecanismos epigenéticos, como modificações na expressão gênica sem alteração da sequência do DNA, e condições ambientais, entre elas complicações gestacionais, exposição a substâncias tóxicas e idade parental avançada, também são apontados como possíveis contribuintes para o surgimento do transtorno (Freire e Cardoso, 2022). Tais fatores, ao interagirem, produzem um quadro clínico diverso e singular, reforçando a noção de espectro e evidenciando diferenças de manifestação entre os sexos, sobretudo nas meninas, em que aspectos hormonais e genéticos parecem modular a expressão dos sintomas (Lin et al., 2022).

Apesar dos avanços na pesquisa e na conscientização sobre o TEA, o diagnóstico tardio em meninas continua sendo um desafio significativo. Historicamente, os critérios diagnósticos foram elaborados com base em estudos que focaram predominantemente em meninos, criando um viés que favorece a identificação de sintomas típicos neste grupo (Brunetto e Vargas, 2023). Isso leva a um subdiagnóstico em meninas, que muitas vezes apresentam sintomas mais sutis, como dificuldades na interação social, que podem ser confundidos com comportamentos típicos de conformidade social (Brunetto e Vargas, 2023). Além disso, muitas meninas utilizam estratégias compensatórias, como imitar comportamentos sociais, para ocultar suas dificuldades, atrasando ainda mais o diagnóstico. Fatores sociais e culturais, que impõem pressões sobre as meninas para que se conformem às expectativas de gênero, também podem obscurecer os sinais que caracterizam (Green, 2019).

Essa discrepância entre os gêneros pode ser atribuída a fatores biológicos e à falta de formação adequada dos profissionais de saúde, que frequentemente não reconhecem as manifestações distintas do TEA em meninas (Lin et al., 2022). Como resultado, os instrumentos diagnósticos, ao refletirem esse viés masculino, falham em capturar as nuances do espectro autista em meninas. Essa situação destaca a urgência de revisar e adaptar os critérios diagnósticos, considerando a diversidade nas apresentações do TEA.

O objetivo do presente artigo é analisar as disparidades apresentadas pela literatura científica contemporânea, sobre o diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista (TEA), com foco em meninas devido a características fenotípicas menos evidentes e a recepção tardia do diagnóstico.

Esta revisão buscará contribuir para uma melhor compreensão das dificuldades diagnósticas enfrentadas por mulheres com TEA, ressaltando a necessidade de adaptações nos critérios diagnósticos para um diagnóstico mais precoce e preciso em ambos os gêneros. Além disso, espera-se que os resultados desta pesquisa incentivem a implementação de estratégias mais eficazes no diagnóstico e tratamento do TEA, promovendo maior inclusão e apoio às crianças autistas e suas famílias.

2. Metodologia

O presente estudo caracteriza-se como uma revisão sistemática integrativa de literatura num estudo de abordagem qualitativa e quantitativa. Foi realizada uma revisão da literatura recente, dos últimos cinco anos, sobre autismo e gênero, com o objetivo de compreender os fenômenos relacionados ao diagnóstico tardio do Transtorno do Espectro Autista (TEA) em meninas. A pesquisa foi conduzida em bases de dados eletrônicas, incluindo SciELO, Google Acadêmico e PePSIC.

Os descritores utilizados foram: Transtorno do Espectro Autista; Autismo no feminino; Invisibilidade; Desafios diagnósticos. Inicialmente, foram encontrados 16 artigos que abordavam o tema. Em seguida, realizou-se uma filtragem por meio da leitura de títulos e resumos, excluindo-se publicações duplicadas, textos que não tratavam especificamente do diagnóstico em meninas ou que apresentavam recorte voltado a outras faixas etárias e contextos clínicos distintos. Após a aplicação desses critérios de inclusão e exclusão, nove artigos foram selecionados para leitura integral e análise qualitativa.

A partir desse corpus, foi avaliada a eficácia dos instrumentos diagnósticos atuais em detectar os padrões comportamentais mais sutis presentes em meninas com TEA, bem como discutidas as propostas da literatura voltadas ao aprimoramento da precisão diagnóstica e das intervenções apropriadas, conforme demonstrado na Tabela 1.

Tabela 1 – Artigos selecionados.

Número Autores e ano	Título do artigo	Revista
1 Brunetto, D., & Vargas, G. (2023)	Meninas e mulheres autistas: completar o espectro é uma questão de gênero	Cadernos de Gênero e Tecnologia
2 David, R. S. D. (2023)	Transtorno do espectro autista: relato de caso feminino	Revista Eletrônica Multidisciplinar de Investigação Científica
3 Freire, M. G., & Cardoso, H. dos S. P. (2022)	Diagnóstico do autismo em meninas: Revisão sistemática	Revista Psicopedagogia
4 Green, R. M., et al. (2019)	Women and autism spectrum disorder: Diagnosis and implications for treatment of adolescents and adults	Current Psychiatry Reports
5 Nascimento, I. B. do, Bitencourt, C. R., & Fleig, R. (2021)	Estratégias para o transtorno do espectro autista: interação social e intervenções terapêuticas	Jornal Brasileiro de Psiquiatria
6 Lin, J., et al. (2022)	Transtorno do espectro autista em meninas: características clínicas e dificuldades diagnósticas	Boletim do Curso de Medicina da UFSC
7 Malagoni, G., & Clara Luz, A. (2021)	Dificuldades no diagnóstico de autismo em meninas	Estudos Avançados sobre Saúde e Natureza
8 Miranda, V. P. (2023)	Como estereótipos de gênero afetam o subdiagnóstico de meninas e mulheres autistas	Repositório Institucional da UFU
9 Scherer, R. P. (2025)	Autismo em meninas e mulheres: uma discussão importante para a educação	Revista Brasileira de Educação Especial

Fonte: Elaborado pelos Autores.

3. Resultados e Discussão

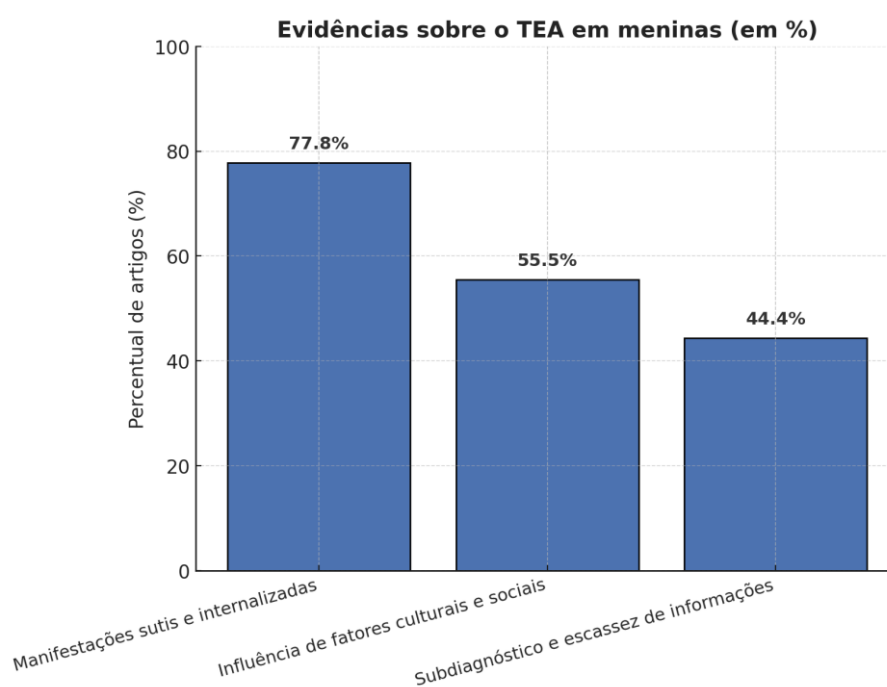
Os resultados a seguir foram elaborados a partir da análise individual dos nove artigos que compõem o corpus desta revisão. Dentre os artigos selecionados, 77,8% evidenciam que as manifestações do Transtorno do Espectro Autista (TEA) em meninas tendem a ser mais sutis e internalizadas, o que dificulta o diagnóstico precoce. Entre os sintomas menos perceptíveis destacam-se a camuflagem social, a empatia aparente, os interesses restritos socialmente aceitos, a timidez, o retraimento, o perfeccionismo e o sofrimento emocional silencioso. Esses comportamentos podem transmitir uma falsa impressão de adaptação social, contribuindo para o subdiagnóstico e a invisibilidade clínica do quadro.

Quanto à influência de fatores culturais e sociais, 55,5% dos estudos apontam que estereótipos de gênero e expectativas sociais têm papel central na dificuldade de identificação do TEA em meninas. Entre as influências mais recorrentes estão a

naturalização da passividade e retração feminina, a interpretação equivocada de comportamentos internalizados como traços de personalidade, a valorização de habilidades sociais e comunicativas esperadas em meninas — que mascaram suas dificuldades — e a prevalência de critérios diagnósticos construídos a partir de padrões masculinos.

No que se refere especialmente ao subdiagnóstico, 44,4% dos artigos evidenciam a carência de informações, produção científica limitada e baixa divulgação sobre o Transtorno do Espectro Autista (TEA) em meninas. Esses estudos apontam que a maior parte da literatura se concentra em amostras masculinas, resultando em falta de dados robustos sobre manifestações femininas do TEA. A ausência de pesquisas específicas e a divulgação insuficiente contribuem para diagnósticos tardios, subnotificação de meninas autistas e inadequação das intervenções terapêuticas e educacionais. Além disso, a escassez de informações reforça estereótipos de gênero, mascarando sintomas sutis e dificultando a identificação precoce do transtorno, tanto por profissionais de saúde quanto por educadores. A seguir, a Figura 1 apresenta dados de pesquisa sobre TEA em meninas:

Figura 1 – Evidências de TEA em meninas em porcentagem.



Fonte: Elaborado pelos Autores, a partir de dados de pesquisas (2019–2024).

Observa-se ainda que, embora meninas com TEA possam apresentar limitações na interação social, tendem a demonstrar maior disposição para o contato interpessoal do que meninos com o mesmo diagnóstico. Como a maioria dos testes e protocolos avaliativos foi elaborada com base em populações masculinas, características clínicas específicas do fenótipo feminino acabam sendo negligenciadas. Assim, profissionais das áreas da saúde e da educação precisam estar atentos a manifestações mais discretas para realizar uma avaliação precisa (Lin et al., 2022).

A influência cultural exerce papel decisivo na percepção dos avaliadores, perpetuando estereótipos comparativos que dificultam a identificação de comportamentos atípicos. Muitas vezes, meninas com menor interação social são rotuladas apenas como tímidas ou imaturas, o que compromete a compreensão do quadro clínico. Além disso, o processo diagnóstico, de caráter multiprofissional, requer sensibilidade e discernimento de todos os envolvidos, incluindo os responsáveis que observam os primeiros sinais (Miranda, 2023).

A literatura destaca também a limitação de estudos latino-americanos sobre o TEA em meninas, o que leva à dependência de referências estrangeiras, sobretudo europeias e norte-americanas. Essa lacuna compromete a contextualização cultural e social das manifestações do transtorno, uma vez que os estudos internacionais nem sempre consideram as especificidades comportamentais e de socialização típicas de países latino-americanos (Malagoni, 2021).

A carência de divulgação científica sólida favorece a manutenção de concepções simplistas e inflexíveis sobre o autismo, contribuindo para a perpetuação da invisibilidade das meninas autistas. A exposição midiática, muitas vezes pautada em narrativas emocionais e não científicas, reforça percepções distorcidas e superficiais sobre o transtorno (Scherer, 2025).

Diante disso, o reconhecimento adequado do TEA em meninas depende da sensibilização de profissionais da saúde, da educação e da sociedade em geral, a fim de compreender que o transtorno se manifesta de formas diversas entre meninos e meninas e que os sintomas femininos, por serem mais sutis, exigem observação criteriosa e abordagem diagnóstica individualizada (Lin et al., 2022).

4. Conclusão

O presente trabalho teve como objetivo investigar os sintomas menos evidentes do Transtorno do Espectro Autista (TEA) em meninas, bem como analisar a influência de fatores culturais e a escassez de informações, produção científica e divulgação sobre o subdiagnóstico nesse público. Busca-se, assim, destacar a importância de uma abordagem diagnóstica mais inclusiva e sensível às diferenças de gênero, considerando que as manifestações femininas do espectro costumam ser sutis e frequentemente negligenciadas devido à prevalência de critérios avaliativos desenvolvidos com base em padrões masculinos. O subdiagnóstico em meninas revela-se, portanto, não apenas resultado de fatores biológicos, mas também de pressões sociais e estereótipos culturais que influenciam a percepção e o reconhecimento clínico do TEA, restringindo o acesso a intervenções e ao suporte adequados.

Para se adaptar socialmente, muitas meninas adotam estratégias de camuflagem, como a imitação de comportamentos e expressões alheias, dificultando a identificação de sinais típicos do TEA. Assim, é fundamental e necessário que os critérios diagnósticos considerem as características específicas de gênero para captação dessas manifestações sutis. Profissionais da saúde e educação, bem como os responsáveis pela criança, desempenham um papel de grande relevância na conscientização sobre essas nuances e na identificação precoce dos sinais do espectro. Com uma avaliação mais precisa e precoce, espera-se que as meninas recebam o suporte adequado, reduzindo os impactos do diagnóstico tardio no desenvolvimento social e emocional, além das barreiras impostas pela invisibilidade diagnóstica.

Referências

- APA. (2014). Transtornos do neurodesenvolvimento – transtorno do espectro autista. In: DSM-5: manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais. American Psychiatric Association (APA). (5ed). Artmed Editora. https://dislex.co.pt/images/pdfs/DSM_V.pdf.
- Brunetto, D. & Vargas, G. (2023). Meninas e mulheres autistas: completar o espectro é uma questão de gênero. *Cadernos de Gênero e Tecnologia*. 16(47), 258–75. <https://revistas.utfpr.edu.br/cgt/article/view/15682/9699>.
- David, R. S. D. (2003) Transtorno do espectro autista: relato de caso feminino. *Revista Eletrônica Multidisciplinar de Investigação Científica*, Brasil. 2(4). Doi: 10.56166/remici.2023.5v2n4.2.34. <https://www.remici.com.br/index.php/revista/article/view/94>.
- Freire, M. G. & Cardoso, H. S. P. (2022). Diagnóstico do autismo em meninas: Revisão sistemática. *Revista Psicopedagogia*. 39(120). https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0103-84862022000300013&script=sci_arttext.
- Gil, A. C. (2017). Como elaborar um projeto de pesquisas. Editora Atlas.
- Green, R. M. et al. (2025). Women and autism spectrum disorder: diagnosis and implications for treatment of adolescents and adults. *Current psychiatry reports*. 21(4), 22. <https://link.springer.com/article/10.1007/s11920-019-1006-3>.

Lin, J. et al. (2022). Transtorno do Espectro Autista em Meninas: Características Clínicas e Dificuldades Diagnósticas. *Boletim do Curso de Medicina da UFSC*. 8(2), 32–7. Disponível em: <https://ojs.sites.ufsc.br/index.php/medicina/article/view/5199>. Acesso em: 02 de Set. de 2025.

Malagoni, G. & Clara Luz, A. (2021). Dificuldades no diagnóstico de autismo em meninas. *Estudos Avançados sobre Saúde e Natureza*. 1. <https://periodicojs.com.br/index.php/easn/article/view/362>.

Miranda, V. P. (2023). Como estereótipos de gênero afetam o subdiagnóstico de meninas e mulheres autistas. *Repositorio.ufu.br*. <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/38248/3/ComoEstere%c3%b3tiposG%c3%aan%20ero.pdf>.

Nascimento, I. B., Bitencourt, C. R. & Fleig, R. (2021). Estratégias para o transtorno do espectro autista: interação social e intervenções terapêuticas. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*. 70(2), 179–87. <https://www.scielo.br/j/jbpsiq/a/DQNzt7JYrHxTkrV7kqkFXyS/?format=html&lang=pt#>.

Pereira, A. S. et al. (2018). *Metodologia da pesquisa científica*. [free ebook]. Santa Maria. Editora da UFSM.

Prisma. (2020). Prisma statement. <https://www.prisma-statement.org/prisma-2020>.

Scherer, R. P. (2025). Autismo em meninas e mulheres: uma discussão importante para a educação. *Revista Brasileira de Educação Especial*. 31, e0097. <https://www.scielo.br/j/rbee/a/zhpLfmHG8m3fdYTzwZXMtYR/?format=html&lang=pt>.

Snyder, H. (2019). Literature review as a research methodology: An overview and guidelines. *Journal of Business Research*. 104, 333-9. Doi: <https://doi.org/10.1016/j.jbusres.2019.07.039>.